

CRIACIONISMO

John MacArthur, Jr

Reconhecendo que a Bíblia é a própria Palavra de Deus dirigida ao homem e entendendo a prioridade de conhecer suas verdades e obedecê-las, devemos estar comprometidos em estudar com diligência o ensino das Escrituras.

Quando o universo e tudo que ele contém foram criados? O que aconteceu e quanto tempo levou? Deus, o único que existia antes mesmo de o mundo ter seu início, apresenta as respostas para essas perguntas em sua revelação ao homem — a Bíblia.

O PONTO DE PARTIDA

Existe uma história fictícia a respeito de alguns homens que procuravam resposta para esta pergunta: de onde veio a Terra? Depois de reunirem suas informações e introduzirem-nas em um sofisticado computador, eles apertaram, com grande expectativa, a tecla de respostas. As luzes brilharam, as campainhas soaram, e o computador lhes deu a seguinte mensagem impressa: “Vejam Gênesis 1.1”. Essa história fictícia ilustra um fato crucial: Deus nos outorgou uma revelação escrita

que exige averiguação primária.

TESTEMUNHO UNÂNIME

Em toda a Bíblia existem afirmações específicas testemunhando que Deus criou o mundo: “Só tu és SENHOR, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora” (Neemias 9.6); “Assim diz o SENHOR, que te redime, o mesmo que te formou desde o ventre materno: Eu sou o SENHOR, que faço todas as coisas, que sozinho estendi os céus e sozinho espraiei a terra” (Isaías 44.24); “Ah! SENHOR Deus, eis que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa” (Jeremias 32.17). O apóstolo Paulo disse ao povo de Listra: “...e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles” (Atos 14.15). “Todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Apocalipse 4.11).

Uma pesquisa mais abrangente inclui 1 Crônicas 16.25-26, Jó 38-41, Salmos 33.6, Salmos 148.1-5, Provérbios 3.19, Amós 4.13, Jonas 1.9, Zacarias 12.1, Romanos 9.20, Apocalipse 10.6 e 14.7.

As passagens da Bíblia nos mostram que uma Pessoa, e não um processo, trouxe o mundo à existência; e esta é a conclusão irrefutável: Deus é a causa primária da existência de todas as coisas.

AFIRMAÇÕES DIRETAS

Para muitos crentes sinceros, a pergunta não é: “Quem criou o mundo?”, e sim: “Como Deus o criou?”

A Bíblia não se mantém em silêncio a respeito deste assunto, pois ela apresenta afirmações definitivas sobre a natureza específica da Criação, referindo-se tanto à quantidade de tempo como à fonte do material utilizado.

Primeiramente, a Bíblia nos diz quanto tempo foi gasto na criação do mundo. Quando Deus (através de Moisés) desejou ilustrar como o Quarto Mandamento deveria ser obedecido, Ele mencionou a Criação como um modelo — “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas

portas para dentro; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxodo 20.8-11).

O homem deve trabalhar seis dias (v. 9), porque em seis dias o Senhor criou os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há (v. 11). Visto que os dias de trabalho são medidos em segmentos de 24 horas, o período de tempo da Criação (que serviu como protótipo) deve ter a mesma medida. Esta mesma lógica se aplica ao dia de descanso (vv. 10-11). Se os dias não possuem a mesma medida, em ambas as passagens, a ilustração perde seu significado.

Em segundo, o escritor da Epístola aos Hebreus nos fala sobre os materiais que

Deus utilizou na Criação. “Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hebreus 11.3). Não existia qualquer matéria eterna; tampouco Deus plantou as sementes que se desenvolveriam e se tornariam algo mais complexo do que elas mesmas. A Bíblia deixa claro que a criação do mundo foi *ex nihilo* (do nada). Isto significa que o mundo visível para nós hoje não é o resultado de imensas etapas de maturação. Pelo contrário, o mundo visível chegou à existência como resultado do ato criativo da parte de Deus, sem a utilização de materiais

— ■ —
*Deus é a causa primária
da existência de todas
as coisas.*
— ■ —

já existentes. Visto que Deus é a causa primária da criação especial, devemos imaginar que a sua criação tenha a sua assinatura.

A NATUREZA DE DEUS

A eterna perfeição de Deus é admitida em toda a Bíblia. A admirável majestade da criação, por exemplo, reflete o poder, a glória e o domínio de Deus. “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Salmos 19.1).

Nenhum processo de evolução ou maturação nos mostraria, desde o princípio, a infinidade e o poder de Deus. No entanto, desde o princípio, a criatura tem ficado sem desculpa por sua ignorância a respeito de Deus, pois Ele é revelado claramente na natureza de sua criação.

É possível conceber um processo evolucionário sem qualquer atividade divina. Essa é a razão por que muitos evolucionistas são ateístas e por que Deus se torna um incômodo no pensamento deles. Entretanto, não podemos ter uma criação repentina sem a atividade de Deus. Portanto, somente através da criação repentina o poder de Deus se mostraria inconfundível desde o início. Essa foi a razão por que o apóstolo Paulo disse: “Os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis” (Romanos 1.20).

Suponhamos, por um momento, que o mundo e seus habitantes vieram à existência por meio de um processo. O mais complexo se desenvolveria (evoluiria) a partir do mais simples. A maior parte dos evolucionistas concorda que a raça humana permanece como a epítome do processo. Se tudo isso é verdade, aquilo que é elementar a respeito da natureza do homem, também deve ser elementar no que diz respeito ao organismo original do qual o homem evoluiu.

Esta argumentação, embora atraente, é falsa por causa de pelo menos um fato bíblico elementar. O homem foi criado à imagem de Deus. Portanto, os homens não podem ter evoluído até à imagem de Deus, porque não existe qualquer intervalo de tempo entre a criação do homem e o ter sido ele feito à imagem de Deus. Está escrito: “Este é o livro da genealogia de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez” (Gênesis 5.1).

Não importa o que alguém crê a respeito das origens, é necessário admitir que Deus, em um momento de tempo, dotou a humanidade com a imagem de Deus. Um processo não pode explicar a nossa natureza singular, nem explicar o fato de que a humanidade foi contaminada pelo pecado e de que, por essa razão, Deus enviou seu Filho para redimir somente a humanidade, e não multidões de outras formas de vida.

O MINISTÉRIO TERRENO DE CRISTO

Podemos examinar a mais confiável autoridade neste assunto — o

Criador Encarnado, Jesus Cristo. O Salvador é, com certeza, a testemunha suprema que nos pode oferecer esclarecimento convincente sobre este assunto.

A Bíblia nos fala sobre o envolvimento dEle na Criação. As Escrituras fazem declarações fortíssimas sobre o fato de que Cristo não somente se identificou com a Criação, mas também de que Ele é o seu autor: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (João 1.3). “Nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele” (Colossenses 1.16); “Nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hebreus 1.2).

Muitas explicações sobre a Criação exigem um intervalo de tempo significativo entre a criação da matéria e a origem do homem. Mas devemos ouvir o ensino do próprio Senhor Jesus: “Desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher” (Marcos 10.6). As palavras que Cristo utilizou deixam o intérprete sem qualquer outra alternativa, exceto a de entender que o homem foi uma parte da Criação, em seu final, e não um desenvolvimento subsequente. Esta evidência determinativa é levada em conta somente em um modelo de criação repentina.

As palavras de Cristo são convincentes, mas a importância de suas

obras poderosas (os milagres criativos) nos persuadem ainda mais. Em determinada ocasião, Ele criou vinho a partir da água (João 2.1-11). Em duas ocasiões, Jesus criou alimento em abundância para milhares de pessoas, a partir de pequena quantidade de comida (Mateus 14.13-21; 15.34-39). Em cada ocasião, o milagre ocorreu sem um processo e sem o decorrer de grandes períodos de tempo.

Deus proporcionou aos discípulos um vislumbre da glória de Cristo, em sua segunda vinda, no Monte da Transfiguração; e, através dos milagres, Deus também nos dá uma contemplação do poder criador de Jesus. Devemos observar com cuidado que Deus não somente era capaz de manifestar seu poder criador, mas também que Ele desejava fazer isso.

OS ACONTECIMENTOS DO FIM DO MUNDO

De todas as evidências bíblicas que indicam uma criação repentina, os acontecimentos do fim do mundo podem ser os mais convincentes. Quando consideramos a maneira como Deus resolveu concluir a história da humanidade, podemos vislumbrar como o mundo teve seu início.

Os crentes acreditam que seus corpos serão ressuscitados e transformados, para tornarem-se gloriosos e incorruptíveis. Temos todas as razões para crer que, de acordo com as Escrituras, o Senhor é capaz e está disposto a fazer isto (Daniel 12.2; João 5.29; Romanos 8.23; 1 Tessalonicenses 4.16-17; 1 Coríntios

15.51-52). Todos os corpos dos crentes serão recriados instantaneamente do pó da terra.

Isto se assemelha a uma repetição da criação de Adão. Naquele tempo, não somente um corpo será criado, mas, literalmente, serão criados os corpos de milhões que já creram em Cristo como seu Salvador. Visto que na ressurreição imensas multidões receberão corpos recriados, quão fácil pode ter sido para Deus no princípio criar Adão e Eva. Portanto, é válido concluir que o milagre maior e criativo da ressurreição permanece como um correspondente do milagre menor da Criação. Assim, a criação repentina não é apenas possível, mas também provável como manifestação da coerência divina.

O fim do mundo nos faz concluir que houve uma criação repentina, no princípio, da mesma maneira que o faz a ressurreição dos homens. Em uma rápida aplicação do seu divino poder, Ele purificará e renovará a terra maldita, por meio do fogo, de modo que ela se tornará uma nova terra (2 Pedro 3.10-13).

A eternidade futura não evoluirá do mundo presente. Pelo contrário, Deus trará ao fim o tempo presente, de modo rápido e poderoso, introduzindo a era final. Devido ao fato de que Deus reverterá, subitamente, o processo presente, é razoável crermos que Ele criou de modo semelhante (rapidamente e do nada) o mundo que agora existe. Tendo

considerado o fim dos tempos, voltamos ao início. Será que Gênesis nos dá razões para crermos que a terra foi criada pessoalmente por Deus, em um breve período de tempo?

O RELATO DE GÊNESIS

A gramática de Gênesis fornece algumas evidências convincentes para uma criação repentina. Por exemplo, a palavra hebraica traduzida “dia”, no contexto de Gênesis, refere-se tanto às horas de luz incluídas em um ciclo de 24 horas como a todo o período de trevas e luz (24 horas). Observe, primeiramente, que a pa-

lavra hebraica traduzida “dia”, quando acompanhada por um adjetivo numérico (por exemplo, quarto dia), nunca é utilizada de maneira

— ■ —
*Um processo não pode
explicar a nossa natureza
singular.*
— ■ —

figurada. Ela é sempre entendida normalmente.

Em segundo, devemos observar que no Antigo Testamento o plural da palavra hebraica “dia” nunca é utilizado de maneira figurada (por exemplo, Êxodo 20.9) fora de um contexto que fala sobre a Criação. Somos, portanto, levados a crer que tal palavra é utilizada de modo semelhante quando se refere às origens.

Em terceiro, os vocábulos “tarde” e “manhã” nunca são empregados de maneira figurada no Antigo Testamento. Eles sempre descrevem um período de 24 horas.

Em quarto, Deus nos oferece uma definição da palavra “dia” em

Gênesis 1.5, designando-a como um período de luz e de trevas. Depois de criar a luz (Gênesis 1.3) e causar uma separação espacial, na terra, entre as trevas e a luz (Gênesis 1.4), Deus estabeleceu o ciclo luz-trevas como uma medida de tempo (ou seja, um dia). Este ciclo luz-trevas é melhor entendido como um movimento de rotação completo da terra, ou seja, um dia de 24 horas.

A interpretação gramatical das Escrituras é fundamental para que a compreendamos com exatidão. Estes fatos são significativos indicadores exegéticos do tempo manifestado na Criação. Eles indicam inquestionavelmente uma Criação em seis dias consecutivos, de 24 horas.

Agora voltemos nossa atenção especificamente para a criação do homem. A espécie humana não evoluiu de uma forma inferior de vida. Pelo contrário, ela foi criada por um decreto de Deus (a manifestação da vontade divina), a partir do pó inanimado (Gênesis 2.7, 3.19; Eclesiastes 3.20, 12.7). Nenhuma outra explicação sobre as origens do homem coaduna-se a esta evidente afirmação bíblica, exceto a criação repentina.

Além disso, a mulher não evoluiu do homem ou de qualquer outra criatura. Ela foi criada pessoalmente por Deus (Gênesis 2.21-23; 1 Coríntios 11.8,12), no mesmo dia em que o homem foi criado. Quando a mulher foi criada do homem, não houve grandes intervalos de tem-

po (uma maturação transformando-a em outro organismo). Visto que homem e mulher vieram à existência em uma seqüência de tempo muito aproximada, isto exigiu a manifestação do poder criativo de Deus, conforme proposto pelo modelo da criação repentina.

Com estes pensamentos em mente, devemos observar com atenção que não precisamos começar em Gênesis, para entendermos o que a Bíblia ensina a respeito da Criação. Havendo finalmente compreendido isso, podemos observar que Gênesis confirma o restante da Bíblia e fornece o seu irresistível apoio à opinião da criação repentina.

UM PENSAMENTO FINAL

A argumentação e as conclusões deste artigo representam as evidências bíblicas de que temos de ser honestos, se aceitamos com seriedade o relato bíblico. Qualquer solução para o problema das origens formulada sem uma completa consideração destas evidências é completamente inadequada.

Talvez não precisemos de um computador, afinal de contas, para solucionarmos os problemas complexos relacionados à Criação. Entretanto, utilizamos a sugestão fictícia do computador e consultamos o relato bíblico. Esse é realmente o ponto de partida para todos os crentes que procuram conhecer a verdade.

PERNICIOSOS EFEITOS DA INCREULIDADE

John Flavel

“Por que vocês estão com tanto medo? Ainda não têm fé?”

Marcos 4.40 - NVI.

Menos fé, mais medo. O medo é produzido pela incredulidade; a incredulidade é fortalecida pelo medo. Assim como na natureza existem ciclos observáveis (o vapor produz chuvas, e as chuvas se tornam vapores novos, etc.), assim também ocorre com os assuntos morais. Conseqüentemente, toda a habilidade do mundo não pode nos curar da enfermidade do medo, até que Deus nos cure de nossa incredulidade. Por isso, o Senhor Jesus utilizou o método correto para libertar seus discípulos do medo, ao censurar-lhes a incredulidade. Os resquícios deste pecado no povo de Deus são a causa e a fonte de seus temores. Mais particularmente, Cristo os libertou de seu medo para mostrar-lhes como o medo é gerado pela incredulidade e que devemos ser advertidos a respeito de algumas particularidades.

1. *A incredulidade enfraquece e obstrui o ato de anuência por parte da fé.* Por isso, a incredulidade rouba, em grande medida, o principal alívio da alma contra os perigos e dificuldades. O ofício e a utilidade da fé consistem em tornar real para a alma as coisas do mundo por vir, fortalecendo-a, assim, contra os temores e perigos do mundo presente. “Moisés... abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível” (Hb 11.24,27). Se este ato de anuência da fé enfraquecer-se ou mostrar-se vacilante na alma; se as coisas invisíveis parecerem incertas, e as visíveis forem as únicas realidades, não devemos nos admirar de ficarmos tão assustados e amedrontados, quando o bem-estar visível e sensível é exposto e colocado em perigo, conforme ele é e sempre será

neste mundo instável. O homem que não está completamente persuadido de que é firme e bom o solo em que pisa, esse homem tem de sentir medo de permanecer em tal solo. Não devemos nos admirar de que os homens tremam quando parecem sentir que o solo balança e se move sob os pés deles.

2. *A incredulidade fecha os refúgios que a alma encontra nas promessas divinas; e, por deixá-la sem estes refúgios, coloca-a*

em temores e pavores. Aquilo que fortalece e encoraja um crente, em tem-

pos maus, é a sua dependência de Deus, no que se refere à proteção.

“Em ti é que me refugio” (Sl 143.9). O ato de privar a alma deste refúgio, perpetrado tão-somente pela incredulidade, despoja-a de todos os amparos e socorros que as promessas proporcionam; conseqüentemente, enche o coração de ansiedade e temor.

3. *A incredulidade torna o homem negligente e descuidado em se preparar para as dificuldades, antes que elas venham, e que vêm sobre ele de maneira surpreendente.* E quanto mais surpreendente for um mal, tanto mais atemorizante o acharemos. Não podemos pensar que Noé ficou tão atemorizado quanto o ficaram as demais pessoas, na ocasião do Dilúvio, quando as águas começaram a se elevar sobre os montes e colinas. Ele não tinha razão para

ficar com medo, pois havia contemplado antecipadamente o Dilúvio — pela fé — e se preparado para ele. “Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca” (Hb 11.7). Agostinho relatou uma história muito interessante e memorável a respeito de Paulinus, o bispo de Nola, que era muito rico tanto em graça como em bens. Paulinus tinha muitas coisas do mundo em su-

as mãos, mas pouco destas coisas em seu coração. E tudo estaria bem, se não fosse pelo fato

de que os godos, um povo bárbaro, invadiram a cidade, como demônios, e arremeteram-se contra a sua presa. Aqueles que confiavam em seus tesouros se enganaram e foram arruinados por tais tesouros, pois os ricos foram expostos à tortura, a fim de confessarem onde haviam escondido seu dinheiro. Este amável bispo caiu nas mãos dos godos, perdendo tudo o que possuía, mas não se abateu por causa da perda, como transparece de sua oração, que Agostinho citou: “Senhor, não permita que eu fique atribulado por causa de meu ouro e minha prata. Tu sabes que este não é o tesouro que tenho acumulado no céu, de acordo com o teu mandamento. Fui advertido sobre este julgamento, antes que viesse, e me preparei para ele. E tu, Senhor, sabes onde se encontra todo o meu interesse”.

Assim também agiu o Sr. Brad-

— ■ —
*A incredulidade é uma
fonte de temores e aflições.*
— ■ —

ford, quando um homem veio apressado ao seu quarto e, repentinamente, lhe transmitiu palavras capazes de fazer tremer a maioria dos homens do mundo: “Ó Sr. Bradford, eu lhe trago notícias desastrosas: você será queimado amanhã; e estão sendo compradas as correntes que o prenderão!” O Sr. Bradford retirou o chapéu e disse: “Senhor, eu te agradeço. Há muito tempo espero por isto. Não é terrível para mim. Ó Deus, torna-me digno dessa misericórdia”. Veja os benefícios de uma antecipação e preparação para tais sofrimentos!

4. *A incredulidade nos leva a tomarmos sob nossa responsabilidade os nossos mais caros interesses e preocupações; ela não entrega nada aos cuidados de Deus, e, conseqüentemente, quando perigos iminentes nos ameaçam, enche o nosso coração com temores que nos distraem.* Leitor, se este é o seu caso, você ficará cercado por terrores, sempre que perigos e dificuldades lhe sobrevierem. Aqueles que reconhecem este fato, bem como muitos outros, têm a vantagem de que, pela fé, entregam a Deus tudo que é importante e valioso. Eles têm confiado a Deus o cuidado de sua alma e seus interesses eternos. E, visto que estas coisas estão em mãos seguras, tais pessoas não se distraem

com temores referentes a outros assuntos de menor importância, mas também podem confiar a Deus tais assuntos, desfrutando assim da quietude e paz de uma alma rendida a Ele. E, quanto a você, leitor, a sua vida, a sua liberdade e a sua alma, que é infinitamente mais importante do que todas estas coisas, estarão sob a sua responsabilidade, no dia de aflição, e você não saberá o que fazer com elas, nem como lidar com elas.

Oh! estes são os terríveis medos e dificuldades nos quais a incredulidade lança os homens! A incredulidade é uma fonte de temores e aflições. De fato, ela distrai e confunde os incrédulos, nos quais reina e se manifesta com pleno vigor. Experiências desagradáveis nos mostram que os resquícios deste pecado produzem temores e tremores até nos melhores homens que não estão completamente libertos dele. Se em tais homens os resquícios não-expurgados da incredulidade podem obscurecer e ocultar suas evidências, esses mesmos resquícios podem igualmente aumentar e multiplicar os seus perigos. Se a incredulidade é capaz de produzir essas infelizes e terríveis conclusões no coração desses homens respeitáveis, que temores terríveis e medos incontroláveis a incredulidade pode causar em homens que estão sob o seu domínio e em pleno vigor?



A incredulidade é a crença em uma mentira.

Horatius Bonar

A MISSÃO DA IGREJA

John Newton

A missão da igreja não é reformar o mundo, nem erradicar as suas práticas más. Nosso único propósito é pregar o evangelho de Cristo. Se homens e mulheres chegarem a amar o Salvador, não há dúvida de que a conduta exterior deles será transformada. As seguintes palavras foram ditas por John Newton em uma conferência de pastores, em janeiro de 1778. Ele estava falando sobre *como a igreja pode realizar transformações morais no mundo*. Seus comentários se mostram tão apropriados hoje como o foram na sua época.

“O evangelho de Cristo, o glorioso evangelho do Deus bendito, é o único instrumento eficaz para transformar a humanidade. O homem que possui e sabe como utilizar esta grande e maravilhosa ferramenta, se posso fazer esta comparação, conseguirá facilmente aquilo que, de outro modo, seria impossível. O evangelho remove as dificuldades intransponíveis à capacidade humana: faz o cego ver e o surdo ouvir; amolece o coração de pedra; ressuscita aquele que estava morto em ofensas e pecados para um vida de retidão.

Nenhuma outra força, exceto a do evangelho, é suficiente para remover os imensos fardos de culpa de uma consciência despertada; para aquietar o ardor de paixões incontroláveis; para levantar uma alma mundana atolada no lamaçal da sensualidade e da avareza, para uma vida divina e espiritual, uma vida de comunhão com Deus.

Nenhum sistema, exceto o evangelho, é capaz de transmitir motivos, encorajamentos e perspectivas suficientes para resistir e frustrar todas as armadilhas e tentações com as quais o espírito deste mundo, com suas carrancas ou com seus sorrisos, se esforça para intimidar e afastar-nos do caminho do dever. Mas o evangelho, entendido corretamente e recebido com alegria, trará vigor ao desanimado e coragem ao temeroso. Tornará generoso o mesquinho, moldará a lamúria em bondade, amansará a fúria de nosso íntimo.

Em resumo, o evangelho dilata o coração egoísta, enchendo-o com um espírito de amor para com Deus, de obediência alegre e irrestrita para com a vontade dEle, bem como de benevolência para com os homens.”

CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

Wayne Mack

Há vários anos, um crente da Holanda entrevistou-me a respeito do meu ponto de vista sobre o aconselhamento cristão. Ele estava viajando pelos Estados Unidos, fazendo perguntas a vários crentes que eram conselheiros e professores de aconselhamento a respeito da opinião deles sobre o que constitui o aconselhamento cristão. Disse ao meu entrevistador que todo aconselhamento digno de ser chamado cristão possui quatro características distintivas.

1. ACONSELHAMENTO CENTRALIZADO EM CRISTO

Primeiramente, o aconselhamento cristão está consciente e abrangentemente centralizado em Cristo. O aconselhamento cristão atribui muito valor ao que Cristo é; ao que Ele fez por nós em sua vida, sua morte, sua ressurreição e seu envio do Espírito Santo; ao que Ele

está fazendo por nós agora em sua intercessão, à direita do Pai, e ao que ainda fará por nós, no futuro. No aconselhamento cristão, o Cristo da Bíblia não é um acessório, um acréscimo com o qual podemos viver melhor. Pelo contrário, Ele está no centro, nos arredores e em todos os aspectos do aconselhamento. O aconselhamento centralizado em Cristo envolve o entendimento da natureza e das causas de nossas dificuldades humanas, bem como o entendimento das maneiras em que somos diferentes de Cristo em nossos valores, aspirações, desejos, pensamentos, escolhas, atitudes e reações. Resolver dificuldades relacionadas ao pecado inclui sermos pessoas redimidas e justificadas por Cristo, recebermos o perdão de Deus por meio de Cristo e obtermos dEle o poder que nos capacita a substituir padrões de vida pecaminosos e anticristãos por um modo de viver piedoso e semelhante ao de Cristo.

2. ACONSELHAMENTO CENTRALIZADO NA SALVAÇÃO

Um conselheiro cristão é um crente que expressa sua fé, de modo consciente e abrangente, em sua perspectiva a respeito da vida. O aconselhamento verdadeiramente cristão é realizado por indivíduos que experimentaram a obra regeneradora do Espírito Santo, que vieram a Cristo, através do arrependimento e da

fé, que O reconheceram como Senhor e Salvador de suas vidas e que desejam viver em obediência a Ele; são pessoas cujo principal objetivo da vida é exaltar a Cristo e glorificar o nome dEle. Os conselheiros verdadeiramente cristãos são pessoas

que crêem no fato de que, se Deus não poupou seu próprio Filho (de ir à cruz e de morrer ali), mas O entregou (à cruz e à morte) por nós (em nosso favor e em nosso lugar, como nosso substituto), Ele nos dará graciosamente tudo que necessitamos para uma vida eficiente e produtiva (para nos transformar na própria imagem de seu Filho, na totalidade de nosso ser). O aconselhamento verdadeiramente

cristão é realizado por aqueles cujas convicções teológicas influenciam, permeiam e controlam sua vida pessoal, bem como sua teoria e prática de aconselhamento.

3. ACONSELHAMENTO CENTRALIZADO NA IGREJA

Outra característica distintiva do aconselhamento verdadeiramente cristão é que ele estará centraliza-

do, de modo consciente e abrangente, na Igreja. As Escrituras deixam claro que a igreja local é o instrumento primário pelo qual Deus realiza sua obra no mundo. A igreja local é o instrumento designado por Ele para chamar o perdido a Si mesmo e o ambiente no qual Ele santi-

■

O aconselhamento verdadeiramente cristão está fundamentado, de modo consciente e abrangente, na Bíblia, extraindo dela a sua compreensão a respeito de quem é o homem, da natureza de seus problemas, dos “porquês” destes problemas e de como resolvê-los.

■

fica e transforma seu povo na própria semelhança de Cristo. De acordo com as Escrituras, a Igreja é a casa de Deus, a coluna e o baluarte da verdade; é o instrumento que Ele utiliza para ajudar seu povo a despojar-se da velha maneira de viver (hábitos, estilo de vida, maneiras de pensar, sentimentos, escolhas e atitudes características da vida sem Cristo) e vestir-se do novo homem (uma nova maneira de viver com

pensamentos, escolhas, sentimentos, atitudes, valores, reações, estilo de vida e hábitos semelhantes ao de Cristo (ver 1 Timóteo 3.15; Efésios 4.1-32).

4. ACONSELHAMENTO CENTRALIZADO NA BÍBLIA

Finalmente, o aconselhamento verdadeiramente cristão está fundamentado, de modo consciente e abrangente, na Bíblia, extraíndo dela a sua compreensão a respeito de quem é o homem, da natureza de seus problemas, dos “porquês” destes problemas e de como resolvê-los. Em outras palavras, o conselheiro precisa estar comprometido, de modo consciente e envolvente, com a suficiência das Escrituras para resolver e compreender todas dificuldades não-físicas, relacionadas ao pecado, que afetam o próprio indivíduo e seu relacionamento com os outros. Muitos em nossos dias se declaram conselheiros cristãos, mas não afirmam a suficiência das Escrituras. Em vez disso, eles crêem que precisamos de discernimento proveniente de teorias psicológicas e extrabíblicas para compreendermos e ajudarmos as pessoas, especialmente se elas têm problemas sérios. Para tais conselheiros, a Bí-

blia possui autoridade apenas designadora (ou seja, como um instrumento que nomeia) e não funcional (atual, genuína e respeitada quanto à prática) no aconselhamento. Estes conselheiros reconhecem que a Bíblia é a Palavra de Deus e, por isso, digna de respeito, mas, quando se refere a entender e resolver muitos dos problemas autênticos da vida, eles crêem que a Bíblia possui valor limitado. Onde quer e por quem quer que seja realizado esse tipo de aconselhamento, somos convencidos de que, embora o conselheiro seja um crente, seu aconselhamento é sub-cristão, porque não está fundamentado, de modo consciente e abrangente, na Bíblia.

Estas quatro características distintivas do aconselhamento não constituem assuntos que podemos deixar de lado. Também não são “uma tempestade num copo d’água”. Pelo contrário, elas são o âmago de qualquer aconselhamento digno do nome “cristão”. Visto que entendemos estas características como o ensino da Palavra de Deus sobre o aconselhamento, elas determinam o modelo de nossos cursos de graduação e pós-graduação em aconselhamento.



O entendimento pode esperar, a obediência não.

Geoffrey Grogan

COLOCANDO-O NO SEU DEVIDO LUGAR

Alice Patricia Hershey

Eu estava examinando alguns vestidos em um mostruário, quando percebi uma discussão ao meu lado. Uma adolescente segurava uma mini-saia à sua cintura; e sua mãe balançava a cabeça, mostrando-se indecisa.

“Lynn, você sabe o que seu pai pensa sobre essas saias curtas” — disse sua mãe.

“Eu não me importo”, replicou a adolescente. “Ele nunca saberá, se você não me denunciar. Lembre-se de todas as vezes que guardei segredos para você. Além disso, você apoiou Bill, quando ele resolveu deixar o cabelo crescer”.

De repente, por instinto de comparação, veio à minha mente a visita que eu havia feito na tarde anterior. Eu estivera no lar de Katrine, uma nova aluna em minha classe de Escola Dominical, cujos pais haviam emigrado ao nosso país há apenas cinco anos.

A mãe de Katrine era uma pessoa calorosa e amável. Sua própria casa irradiava hospitalidade. No entanto, o que mais me impressionou foi a sua constante referência ao seu esposo. Sempre que havia uma pausa na conversa, um garoto de quatro anos perguntava: “Está quase na hora de papai chegar?”

Mais tarde, os outros filhos chegaram da escola, cumprimentaram-me educadamente e encaminharam-se às suas tarefas.

“Vou fazer aqueles bolinhos favoritos do papai, para o jantar”, disse a filha mais velha, dirigindo-se à cozinha.

Quando me levantei para sair, Katrine perguntou, com ansiedade: “A senhora não poderia esperar apenas um momentinho, para conhecer o papai?”

A essa altura, eu já estava curiosa sobre aquele homem notável, que fazia jus a tal amor e respeito de toda

a sua família. Eu realmente não precisava do segundo convite da dona da casa: “Sim, assente-se por um momento, até que Lawrence chegue”.

Quase tive um grande choque, ao conhecer Lawrence. Ao invés de um homem bem vestido e de conversa brilhante, foi um homenzinho quem cumprimentou “a professora de sua pequena Katrine”, falando de maneira imperfeita, com sotaque de seu idioma nativo, e torcendo nervosamente o bigode.

O dia todo, estive pensando sobre o mistério da posição daquele homem em seu lar. Agora, porém, ouvindo sem querer

a conversa ao meu lado, surgiu a resposta. Não importa quem ou o que o pai pessoalmente é, a atitude da mãe para com ele é o que faz a diferença.

Os esposos podem assumir o lugar que lhes compete como cabeça do lar, somente quando nós, esposas, respeitamos e honramos os seus desejos, transmitindo aos nossos filhos, por meio desta atitude, o desejo de agirem de maneira semelhante.

As esposas estabelecem o exemplo de atitudes de submissão. E receberemos a obediência que exigimos de nossos filhos na proporção exata à que prestamos a nosso esposo.

“Eu tenho que fazer isso agora?” — resmungou meu filhinho, quando lhe pedi que deixasse os brinquedos

para levar um recado a certa pessoa.

De alguma maneira, aquelas palavras pareceram familiares. Então, eu me lembrei: na noite anterior, quando meu esposo me pediu que fizesse algo para ele, eu queixei: “Isso precisa ser feito agora?”

O livro de Provérbios nos diz: “No caminho da sabedoria, te ensinei e pelas veredas da retidão te fiz andar” (Provérbios 4.11). Eu me esforço para ensinar a meu filho uma obediência estimulante, porém o

meu ensino e treinamento serão eficazes apenas quando eu demonstrar-lhe por meio do exemplo. Podemos dizer que o papai é o chefe, mas, em nosso coração,

sabemos que isso não é verdade, pois, se houver conflito de opiniões, geralmente fazemos o que nos agrada. Os filhos observam rapidamente a diferença entre atitudes confessadas e atos praticados.

Alguns dias atrás, quando tomávamos o café das mulheres da vizinhança, a anfitriã nos mostrou, sorrindo, um pequeno quadro alegremente decorado, que estava sobre a escrivaninha de seu marido. “Vejam o que comprei ontem”, disse ela. Todas paramos para ler:

“As opiniões do homem da casa não são necessariamente as do gerente”. “Acho que isso coloca Phill em seu devido lugar”, disse Marian, com uma risadinha.

Mas Ann discordou, afirmando:

■

*A disciplina e a obediência
precisam ser infundidas
nos filhos desde
a mais tenra idade.*

■

“Deus nos diz: ‘Mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher’” (Efésios 5.22-23). Imediatamente, o sorriso desapareceu. O assunto mudou, e eu pude sentir o embaraço. Pensávamos que aqueles versículos da epístola aos Efésios não se dirigiam a nós, que hoje vivemos em uma sociedade tão instável!

Estas palavras de Efésios 5 nunca foram fáceis de serem obedecidas. No século XVII, o pastor Byfield disse a respeito das esposas: “A natureza as fez mulheres; a eleição, esposas; mas somente a graça de Deus pode torná-las submissas”. No entanto, uma das coisas mais importantes que a mulher pode fazer, por sua família e seu país, é dar a seu esposo o lugar correto — o lugar de cabeça do seu lar.

Um pastor estava aconselhando dois jovens que se preparavam para o casamento. Ele indagou se os jovens tinham alguma pergunta. A noiva questionou: “Por que a palavra ‘obedecer’ não está nos votos de casamento?”

“As noivas modernas preferem que essa palavra seja deixada de fora dos votos”, respondeu surpreso o pastor.

A moça ficou admirada. “Senhor, durante toda a minha vida, tenho observado minha mãe obedecer alegremente a meu pai”, ela disse. “Ele era um homem contente e feliz; eu, uma filha satisfeita. Eu quero esse tipo de lar. Quero a palavra ‘obedecer’ trazida de volta à minha cerimônia de casamento.”

Atualmente, nos admiramos da

rebeldia dos filhos em muitos lares. Todavia, parte da resposta parece estar nos lares em que as verdades fundamentais da Bíblia têm sido desprezadas. A disciplina e a obediência precisam ser infundidas nos filhos desde a mais tenra idade. Se menosprezarmos a Palavra de Deus, quanto a este princípio tão significativo, a frequência assídua à igreja e a leitura constante da Bíblia não terão realmente qualquer proveito. Nossos filhos não têm apenas de receber ordens — precisamos mostrar-lhes como obedecer, pois o exemplo é o âmago do ensino. Mães, que imensa responsabilidade temos sobre os nossos ombros!

Se meu esposo for respeitado e amado por mim, meus filhos terão este mesmo sentimento para com ele. Se meus filhos observarem que as palavras do papai e sua vontade são valiosas para mim, não deixarão de ser impressionados e influenciados. Nossos filhos precisam de um herói. Que tal se este herói for o papai? Saber que ele é a pessoa mais importante da vida do seu filho é um estímulo imensurável para qualquer pai. Ele fará tudo que estiver em seu poder para viver de acordo com o que seu filho acredita que ele é. Ora, é a atitude da mamãe que pode tornar o papai um herói. O filho precisa de experiência, antes de aprender melhor certas coisas. Ele não pode ser ensinado verbalmente sobre o lugar do pai na família; temos de mostrar-lhe os resultados práticos desta verdade.

Depois que descobri esta verdade, meu filho David passou a esperar com ansiedade a volta de seu pai ao

lar, todas as tardes. Isto é o clímax do seu dia — e do meu. Desde a manhã começamos a falar sobre as coisas que desejamos contar ao papai. Colocamos o jornal sobre a cadeira dele; preparamos uma comida que ele aprecia, para o jantar; guardamos os brinquedos que estavam na sala, de modo que a casa lhe pareça agradável. Todas estas coisas ensinam a David que seu pai é importante e que, por amá-lo, gastamos uma parte de nossos dias procurando agradá-lo.

O homem que possui o privilégio de ter uma esposa que lhe é amavelmente submissa, e que cria no lar uma atmosfera livre de amargura e críticas injustas, enfrentará as lutas da vida sem abalar-se indevidamente. Ele sentirá paz interior. É improvável que ele seja atingido por problemas nervosos, pois ele tem um lugar onde as tempestades e os mal-entendidos do mundo exterior podem ser esquecidos. Seu futuro talvez seja incerto; mas o homem que é a pessoa mais importante do seu próprio lar está preparado para enfrentar o mundo.

Há vários séculos, William Shakespeare percebeu a importância do papel que a mulher desempenha

em relação a seu marido. Ele escreveu:

“Teu marido é teu senhor, tua vida, teu protetor, tua cabeça, teu soberano; é alguém que cuida de ti e da tua manutenção! Ele entrega seu corpo ao trabalho árduo, na terra ou no mar; vigia à noite, em meio às tempestades, e durante o dia, em meio ao frio, enquanto tu permaneces aquecida no lar, tranqüila e sadia. Ele não almeja qualquer outro tributo, exceto o amor, olhares amáveis e verdadeira obediência — um pagamento irrisório para tão grande dívida. O dever que um súdito tem para com seu rei, esse mesmo dever a mulher tem para com seu marido”.

Talvez o meu esposo não possua talentos que o mundo aplaudiria. Mas ele é singular no fato de que é uma dádiva de Deus para mim. O esposo tem de ser recebido e amado por aquilo que ele é em si mesmo. Precisamos deixar de lamentar aquilo que nosso esposo não é, enfatizando mais as virtudes que ele possui. Em obediência a Deus, devemos amar, honrar, obedecer e estimular nosso esposo, colocando-o no seu devido lugar — o cabeça do lar.

(Extraído do livro "Felicidade no Lar", Editora Fiel.)



*Casamento é mais do que encontrar a pessoa certa;
é ser a pessoa certa.*

Anônimo

POR QUE OS CRENTES PERSEVERAM?

C. H. Spurgeon

A esperança que enchia o coração do apóstolo Paulo a respeito dos crentes de Corinto, conforme já sabemos, estava repleta de consolação para aqueles que se mostravam temerosos quanto ao futuro dos membros da igreja em Corinto. Por que o apóstolo acreditava que os crentes de Corinto seriam confirmados até ao fim?

Devemos observar que ele apresentou as suas próprias razões.

“Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo”.

1 Coríntios 1.9

Paulo não disse: “Vós sois fiéis”. A fidelidade do homem é bastante desconfiável; é pura vaidade. O apóstolo também não disse: “Vós tendes ministros fiéis para guiar-vos e instruir-vos. Por isso, creio que estais seguros”. Não! Se somos guardados pelos homens, na realidade nunca seremos guardados. Paulo afirmou: “Deus é fiel”. Se somos fiéis, isto acontece porque Ele é fiel. Toda a nossa salvação descansa na fidelidade de nosso Deus da aliança. Nossa

perseverança se fundamenta neste glorioso atributo de Deus. Somos instáveis como o vento, frágeis como a teia de aranha, volúveis como a água.

Não podemos depender de nossas qualidades naturais ou de nossas aquisições espirituais. Mas Deus permanece fiel. Ele é fiel em seu amor: não conhece qualquer variação, nem sombra de mudança. Deus é fiel aos seus propósitos: não começa uma obra e a deixa inacabada. Ele é fiel em seus relacionamentos: como Pai, não abandonará seus filhos; como amigo não negará seu povo; como Criador, não esquecerá a obra de suas mãos. Deus é fiel à sua aliança, que estabeleceu conosco em Cristo Jesus e ratificou com o sangue de seu sacrifício. Deus é fiel ao seu Filho e não permitirá que o sangue dEle tenha sido derramado em vão. Deus é fiel ao seu povo, ao qual Ele prometeu a vida eterna e do qual jamais se afastará.

Esta fidelidade de Deus é o fundamento e a pedra angular de nossa esperança de perseverança até ao final. Os crentes hão de perseverar em santidade, porque Deus se mantém perseverante em graça. Ele perseve-

ra em abençoar; por conseguinte, os crentes perseveram em serem abençoados. Deus continua guardando seu povo; conseqüentemente, os crentes continuam guardando os mandamentos dEle. Este é o solo firme e excelente sobre o qual podemos descansar. Portanto, é o favor gratuito e a infinita misericórdia que retinem no alvorecer da salvação; e estes mesmos sinos continuam retinindo melodiosamente durante todo o dia da graça.

Podemos observar que as únicas razões para esperarmos que seremos confirmados até ao

fim e que seremos achados inculpáveis se encontram em nosso Deus. Mas nEle estas razões são abundantes.

Primeiramente, elas se fundamentam no que Deus têm feito. Ele decidiu nos abençoar e não retrocederá. Paulo nos recorda que Deus nos chamou “à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo”. Deus realmente nos chamou? A chamada não pode ser revertida, “porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.29). O Senhor jamais retrocede da chamada eficaz de sua graça. Romanos 8.30 diz: “E aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” — esta é a norma invariável do procedimento de Deus. Existe uma chamada comum, sobre a qual as

Escrituras dizem: “Muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 22.14). No entanto, a chamada sobre a qual agora estamos pensando é outro tipo de chamada; é uma chamada que prenuncia amor especial e envolve a posse daquilo para o que fomos chamados. Nesse caso, acontece com os chamados o mesmo que ocorreu com a descendência de

Abraão, sobre a qual o Senhor declarou: “A quem tomei das extremidades da terra, e chamei dos seus cantos mais remotos, e a quem disse: Tu és o meu servo, eu te escolhi e não te

— ■ —

*Nosso Deus fiel é um
manancial transbordante
de deleites, e nossa
comunhão com o Filho
de Deus é um rio
transbordante de regozijo.*

— ■ —

rejeitei” (Is 41.9).

Naquilo que o Senhor fez, temos poderosas razões que nos asseguram nossa preservação e glória futura, porque Ele nos chamou “à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo”. Isto significa o companheirismo com o Senhor Jesus Cristo. Desejo que você considere atentamente o que isto significa. Se Deus já o chamou por sua graça, você já veio à comunhão com o Senhor Jesus, para se tornar, juntamente com ele, possuidor de todas as coisas. Então, aos olhos do Altíssimo, você é um com o Senhor Jesus. Os seus pecados foram levados pelo Senhor Jesus, que os carregou sobre Si mesmo, em seu próprio corpo, na cruz, tornando-se maldição em seu lugar. Ao mesmo tempo, o Senhor Jesus tornou-se a sua justiça, de

modo que você está justificado nEle.

Assim como Adão é o representante de todos os seus descendentes, assim também o Senhor Jesus é o representante de todos os que estão nEle. Assim como a esposa e o esposo são um, assim também o Senhor Jesus é um com aqueles que, pela fé, estão unidos a Ele; são um por meio de uma união que nunca poderá ser desfeita. E, mais do que isso, os crentes são membros do corpo de Cristo; são um com Ele por meio de uma união de amor, permanente e viva. Deus nos chamou a esta união, esta comunhão e este companheirismo; por essa razão, Ele nos deu o sinal e penhor de que seremos confirmados até ao fim. Se fôssemos considerados como estando separados de Cristo, seríamos criaturas infelizes, destinadas a perecer; logo seríamos destruídos e lançados na eterna perdição. Mas, visto que somos um em Cristo, participamos de sua natureza e possuímos sua vida imortal. Nosso destino está vinculado ao de nosso Senhor; e, como Ele não pode ser destruído, não é possível que venhamos a perecer.

Pense demoradamente nesta união com o Filho de Deus, à qual você foi chamado, porque toda a sua esperança está nesta união. Você nunca será pobre, enquanto Jesus for rico, visto que você está em uma união firme com Ele. A necessidade nunca pode assaltá-lo, porque, juntamente com Ele, que é o Possuidor, você é co-proprietário dos céus e da terra. Você nunca pode falir, pois, embora um dos sócios da firma seja tão pobre como um rato de igreja e em si mesmo esteja em completa ruína, in-

capacitado de pagar o menor de seus imensos débitos, o outro sócio é excessiva e inconcebivelmente rico. Neste companheirismo, você é levantado a uma posição que supera a depressão dos tempos, as mudanças do futuro e o colapso do fim de todas as coisas. Deus o chamou à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo, e por meio desta chamada o colocou no lugar de segurança infalível.

Se você é um verdadeiro crente, é um com o Senhor Jesus e, por isso, está seguro. Você não percebe que tem de ser assim? Se você já foi realmente feito um com o Senhor Jesus, por meio de um ato irrevogável de Deus, então você tem de ser confirmado até ao fim, até ao dia da manifestação dEle. Cristo e o pecador convertido estão no mesmo barco. Se Jesus não pode afundar, o crente também nunca sucumbirá. Jesus tomou seus redimidos e os uniu de tal modo a Si mesmo, que, antes de qualquer outra coisa, Ele tem de ser destruído, vencido e desonrado, para que, então, os seus redimidos sejam injuriados. O Senhor Jesus é o titular da firma, e, até que Ele desonre seu próprio nome, estamos seguros contra todos os temores de falência.

Portanto, com ousada confiança, prossigamos em direção ao futuro que ainda desconhecemos, unidos eternamente a Jesus. Se os homens do mundo perguntam: “Quem é esta que sobe do deserto e que vem encostada ao seu amado?” (Ct 8.5), confessamos com alegria que realmente nos encostamos em Jesus e que pretendemos nos unir a Ele cada vez mais. Nosso Deus fiel é um manancial transbordante de deleites, e nos-

sa comunhão com o Filho de Deus é um rio transbordante de regozijo. Sabendo estas coisas gloriosas, não podemos nos desencorajar. Pelo contrário, clamamos juntamente com o apóstolo: “Quem nos separará... do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”? (Rm 8.35-39)

LENDO A BÍBLIA

J. C. Ryle

- 1 - LEIA A BÍBLIA COM UM DESEJO SINCERO DE ENTENDÊ-LA. Não se contente apenas com a leitura das palavras das Escrituras. Procure assimilar a mensagem que elas contêm.
- 2 - LEIA AS ESCRITURAS COM HUMILDADE E FÉ SIMPLES, SEMELHANTE A UMA CRIANÇA. Creia naquilo que Deus revela. A razão tem de se prostrar à revelação de Deus.
- 3 - LEIA A PALAVRA DE DEUS COM UM ESPÍRITO DE OBEDIÊNCIA E AUTO-APLICAÇÃO. Aplique a si mesmo aquilo que Deus fala nas Escrituras e obedeça-Lhe em todas as coisas.
- 4 - LEIA AS ESCRITURAS TODOS OS DIAS. Rapidamente perdemos a energia e o fortalecimento que recebemos do pão de cada dia. Temos de alimentar nossa alma diariamente do maná que Deus nos tem dado.
- 5 - LEIA TODA A BÍBLIA DE MANEIRA ORDENADA. “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil.” Não conheço qualquer outra maneira melhor de lermos a Bíblia do que começarmos em Gênesis e lermos até Apocalipse, uma porção a cada dia, comparando Escritura com Escritura.
- 6 - LEIA A PALAVRA DE DEUS COM SINCERIDADE E HONESTIDADE. Como regra geral, qualquer passagem da Escritura significa o que ela parece significar. Interprete cada passagem desta maneira simples, *em seu contexto*.
- 7 - LEIA A BÍBLIA SEMPRE TENDO EM VISTA A PESSOA DE CRISTO. Toda a Bíblia fala a respeito dEle. Olhe para Cristo em todas as páginas da Bíblia. Ele se encontra ali. Se você deixar de vê-Lo em uma das páginas da Bíblia, precisará ler novamente aquela página.

FIRMANDO A SUA FÉ EM JESUS

J. C. Ryle

Você pertence àquele pequeno grupo de pessoas que confessam ter fé verdadeira em Cristo e procuram, embora com fragilidade, segui-Lo neste mundo perverso? Penso que sei algumas coisas que se passam em seu coração. Talvez você esteja sentindo que não perseverará até ao fim e que, algum dia, abandonará a sua confissão. Com frequência, você imagina coisas amargas a respeito de si mesmo e que não possui realmente a graça de Deus. Receio que miríades de verdadeiros crentes estão nesta condição; eles prosseguem, tremendo e duvidando, a sua caminhada em direção ao céu, acompanhados por “Desespero” e “Temeroso”; e, tal como o “Peregrino”, têm medo de que nunca chegarão à Cidade Celestial. No entanto, embora seja muito estranho, apesar dos seus gemidos, temores e dúvidas, eles não voltam atrás, para a cidade da qual saíram; eles seguem em frente e, mesmo desfalecidos, avançam e terminam bem.

Meu conselho para esses crentes é bem simples. Cultivem o hábito de firmar mais a sua fé em Jesus Cristo, procurando conhecer mais a plenitude que existe nEle, para todos os membros do seu povo. Não permaneçam a contemplar suas imperfeições e a dissecar seus pecados. Olhem para cima! Contemplem mais o seu Senhor ressurreto, que está nos céus, e procurem compreender ainda melhor que o Senhor Jesus não somente morreu por vocês, mas também ressuscitou e vive à direita de Deus, ministrando como Sumo Sacerdote, Advogado e Amigo todo-poderoso de vocês. Quando o apóstolo Pedro andou por sobre as águas, ele foi bem-sucedido enquanto seus olhos estavam fixos no seu Salvador e Senhor todo-poderoso. Mas, quando Pedro desviou o olhar para as ondas e o mar, levando em conta o peso de seu corpo, logo começou a afundar e clamou: “Salva-me, Senhor!” Não ficamos admirados ante o fato de que nosso Senhor gracioso disse, enquanto segurava a mão de Pedro e o libertava de um sepulcro de águas: “Homem de pequena fé, por que duvidaste?” Infelizmente, muitos de nós somos como Pedro, desviamos nosso olhar de Jesus, nossos corações desfalecem, e sentimos que estamos afundando. Ó Deus, ajuda-nos a estar sempre “olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé” (Hb 12.2).

O ESPÍRITO EM NÓS

Horatius Bonar

Em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Cristo tem o Espírito Santo, o qual Ele nos outorga espontânea e abundantemente, pois o que recebemos é “a graça... segundo a proporção do dom de Cristo”. Os primeiros crentes “transbordavam de alegria e do Espírito Santo” (At 13.52). Nós temos de ser cheios do Espírito Santo (Ef 5.18), pois o que Cristo nos dá é o próprio Espírito Santo (Rm 5.5), e não algumas influências. O Espírito Santo desce sobre nós (At 8.16, 11.15); é derramado sobre nós (At 2.33, 10.45, Ez 39.29); somos batizados com Ele (At 11.16). O Espírito Santo é o penhor de nossa herança (Ef 1.14); Ele nos sela (Ef 1.13), imprimindo em nós a imagem e semelhança de Deus. O Espírito Santo ensina (1 Co 2.13), revela (1 Co 2.10), convence (Jo 16.8), fortalece (Ef 3.16) e nos torna frutíferos (Gl 5.22). Ele perscruta (1 Co 2.10), age (Gn 6.3), santifica (1 Co 6.11), guia (Rm 8.14, Sl 143.10), ensina (Ne 9.20), fala (1 Tm 4.1, Ap 2.7), demonstra ou prova (1 Co 2.4). O

Espírito Santo intercede (Rm 8.26), vivifica (Rm 8.11), cria (Sl 104.30), conforta (Jo 14.26), derrama o amor de Deus em nosso coração (Rm 5.5) e regenera (Tt 3.5). Ele é o Espírito de santidade (Rm 1.4), de sabedoria e de entendimento (Is 11.2, Ef 1.17); o Espírito da verdade (Jo 14.17), de conhecimento (Is 11.2), da graça (Hb 10.29), da glória (1 Pe 4.14), do nosso Deus (1 Co 6.11), do Deus vivente (2 Co 3.3). O Espírito Santo é o bom Espírito (Ne 9.20), o Espírito de Cristo (1 Pe 1.11), o Espírito de adoção (Rm 8.15), o Espírito de vida (Ap 11.11) e o Espírito do Filho de Deus (Gl 4.6).

Este é o Espírito Santo, por meio de quem somos santificados (2 Ts 2.13); o “Espírito eterno”, pelo qual Cristo se ofereceu sem mácula a Deus (Hb 9.14). Este é o Espírito Santo, por quem somos “selados para o dia da redenção” (Ef 4.30); o Espírito que nos torna sua habitação (Ef 2.22) e vive em nós (2 Tm 1.14), através de quem somos preservados a olhar *para* e a ansiar *por* Cristo e que nos

torna “ricos de esperança” (Rm 15.13).

A vida de santidade depende muito de recebermos e nos apropriarmos deste Hóspede celeste. Digamos-Lhe nosso “bem-vindo”, procurando não envergonhá-Lo, não resisti-Lo, não entristecê-Lo, não apagá-Lo, e sim amá-Lo e nos deleitarmos no seu amor (“o amor do Espírito” – Rm 15.30); de modo que nossa vida seja um viver no Espírito (Gl 5.25), um andar no Espírito (Gl 5.16), um orar no Espírito (Jd 20). Ao mesmo tempo que fazemos distinção entre a obra de Cristo *por* nós e a obra do Espírito *em* nós, a fim de preservar inalterável a nossa consciência do perdão, não devemos separar de maneira alguma estas duas obras. Mas, permitindo que ambas cumpram o seu serviço, devemos seguir “a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14), mantendo nosso coração na “comunhão do Espírito” (Fp 2.1) e deleitando-nos nesta comunhão (2 Co 13.13).

A dupla forma de expressão que ressalta a habitação recíproca ou mútua de Cristo e do Espírito Santo em nós é digna de observação. *Cristo em nós* (Cl 1.27) é um dos lados; *nós em Cristo* é o outro lado (2 Co 5.17, Gl 2.20). O *Espírito Santo em nós* (Rm 8.9) é um aspecto; *nós vivemos no Espírito* (Gl 5.25) é o outro as-

pecto. Esta dupla forma de expressão também é utilizada em referência à Divindade, nestas admiráveis palavras: “Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele, em Deus” (1 Jo 4.15).

Parece que nenhuma figura seria plenamente adequada para expressar a intimidade de contato, a proximidade de relacionamento e a completa unidade em que somos colocados, ao receber o testemunho divino sobre a pessoa e a obra do Filho de Deus. Sendo possuidores de todos os recursos necessários a uma vida de santidade, não somos, por conseguinte, mais fortemente comprometidos a vivê-la? Se temos uma vida e recursos tão abundantes à nossa disposição, quão grande é a nossa responsabilidade! Devemos ser “tais como os que vivem em santo procedimento e piedade!” E, se acrescentarmos a tudo isso as perspectivas da esperança da segunda vinda, do reino e da glória, nos sentiremos rodeados, em todos os lados, por motivos, assuntos e instrumentos adequados para nos tornarem aquilo que devemos ser — “sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1 Pe 2.9), “zeloso de boas obras” neste mundo (Tt 2.14) e possuidores de “glória, honra e incorruptibilidade” no porvir (Rm 2.7).



*O fruto do Espírito não é emocionalismo
nem ortodoxia: é caráter.*

G.B. Duncan

OS PURITANOS

Erroll Hulse

Em nossos dias, o termo Puritano é utilizado, em um sentido geral, para descrever aqueles que redescobriram as doutrinas bíblicas e as práticas dos Puritanos e procuraram exemplificá-las na realidade do mundo contemporâneo. Embora não tenha seguido a *prática* Puritana de expor sistematicamente os livros da Bíblia, C. H. Spurgeon é reputado um Puritano nascido fora de tempo.

Os valores dos puritanos se tornam realidade no pastorado. O Puritanismo é uma realidade que se expressa na pregação e no cuidado pastoral realizados semanalmente. Muitos podem testemunhar a maravilhosa ajuda proporcionada pela redescoberta dos valores exemplificados pelos Puritanos. O encorajamento obtido é incalculável.

É quase impossível negar que os Puritanos (usando a palavra no sentido amplo e inclusivo) se mostraram mais fortes naquilo que os evangélicos de nossos dias são mais fracos. E os escritos dos Puritanos podem fornecer mais ajuda do que

qualquer outro grupo de ensinadores cristãos, do passado e do presente, desde os dias dos apóstolos. Esta é uma afirmação categórica, mas existe base sólida para ela. Considere as características do cristianismo Puritano.

Eles eram homens de extraordinária capacidade intelectual, cujos hábitos mentais, fomentados pela elevada erudição, estavam unidos a *zelo intenso para com Deus e a minuciosa familiaridade com o coração humano*. Todas as obras dos Puritanos revelam esta fusão singular de dons e graça. A apreciação deles para com a soberana majestade de Deus era profunda, assim como o era a sua reverência em lidar com a Palavra de Deus. Eles entendiam os caminhos de Deus para com os homens, a glória de Cristo como Mediador e a obra do Espírito Santo no crente e na Igreja, de maneira tão rica e tão completa como ninguém mais os compreendeu desde a época deles. O conhecimento dos Puritanos não era apenas uma ortodoxia teórica. Eles procuravam

“transformar em prática” (expressão deles mesmos) tudo o que Deus lhes ensinava. Sujeitavam sua consciência às Escrituras, *disciplinando-se para encontrar* uma justificação teológica, distinta de uma justificação apenas pragmática, para tudo o que faziam. Eles viam a família, a Igreja, o Estado, as artes e as ciências, o comércio e a indústria e o envolvimento das pessoas nestas diferentes circunstâncias como as diversas áreas nas quais o Senhor e Criador de todas as coisas poderia ser glorificado e servido.

Então, conhecendo a

Deus, os Puritanos também conheciam o homem. Eles o viam como um ser essencialmente nobre, criado à imagem de Deus, para governar o mundo, mas que agora está embrutecido e corrompido pelo pecado. À luz da lei, da santidade e do senhorio de Deus, os Puritanos viam o pecado em seu caráter tríplice: a) transgressão e culpa; b) rebelião e usurpação; c) impureza, corrupção e incapacidade para o bem. Vendo essas coisas e conhecendo (conforme eles conheciam) os caminhos e os meios pelos quais o Espírito Santo traz os pecadores à fé e à nova vida em Cristo e leva os santos a se tornarem mais e mais semelhantes à imagem de seu Salvador, por decres-

cerem em direção à humildade e crescerem na dependência da graça, os Puritanos se tornaram pastores excelentes em seu tempo. Por isso, eles podem, mesmo depois de mortos, ainda falar conosco, para nos oferecer orientação e direção.

Nós, evangélicos, precisamos de ajuda. Enquanto os Puritanos exigi-

am ordem, disciplina, profundidade e inteireza, nosso temperamento é caracterizado por casualidade e impaciência inquietante. Temos um intenso desejo por novidades, coisas sensacionais e entretenimento. Te-

— ■ —
*...almas piedosas de
 temperamento menos
 extrovertido são deixadas de
 lado como anormais, porque
 não podem demonstrar
 alegria e entusiasmo de
 conformidade com
 a maneira prescrita.*
 — ■ —

mos perdido nosso prazer por estudo consistente, humilde auto-análise, meditação disciplinada e trabalho árduo e comum, em nossa vocação e nossas orações. Enquanto o Puritanismo tinha a Deus e a sua glória como o elemento que os unia, nossa maneira de pensar gira em torno de nós mesmos, como se fôssemos o centro do universo. A superficialidade de nosso biblicismo se torna aparente sempre que separamos as coisas que Deus uniu. Por conseguinte, nos preocupamos com o indivíduo, em vez de nos preocuparmos com a igreja; e nos preocupamos em falar, em vez de nos preocuparmos com a adoração. Ao evangelizarmos, pregamos o evangelho

sem a Lei e a fé sem o arrependimento, enfatizando o dom da salvação e encobrindo o custo do discipulado. Não é de admirar que muitos dos que professam a conversão retornem à incredulidade.

Então, ao ensinarmos a respeito da vida cristã, nosso costume é apresentá-la como um caminho de sentimentos comoventes, em vez de a apresentarmos como um andar de fé operante, e um caminho de intervenções sobrenaturais, em vez de um caminho de santidade racional. E, ao lidarmos com a experiência cristã, nos demoramos muito em falar constantemente sobre alegria, felicidade, satisfação e descanso da alma, sem qualquer menção equilibrada sobre o descontentamento espiritual de Romanos 7, a batalha da fé, de Salmos 73, ou sobre as responsabilidades e disciplinas providenciais que constituem o quinhão de um filho de Deus. A alegria espontânea do extrovertido chega a ser equiparada com o viver cristão saudável, e os extrovertidos joviais de nossas igrejas se tornam complacentes na carnalidade, enquanto as almas piedosas de tem-

peramento menos extrovertido são deixadas de lado como anormais, porque não podem demonstrar alegria e entusiasmo de conformidade com a maneira prescrita. Eles consultam seu pastor a respeito desse assunto, mas ele não lhes pode oferecer melhor remédio do que dizer-lhes que procurem um psicanalista! Na verdade, precisamos de ajuda, e os Puritanos nos podem dar esta ajuda.

Reconhecemos que não é o Puritanismo que encherá a terra. A verdade bíblica está destinada a encher a terra, como as águas cobrem o mar. Visto que o Puritanismo, no sentido popular e amplo, está muito próximo da verdade bíblica, não podemos falar de maneira tão pessimista a respeito de sua ruína. Spurgeon se referiu, em seus dias, àqueles que intentavam pintar mal as janelas da verdade e zombavam do Puritanismo. Mas virá o dia, afirmou Spurgeon, em que eles se envergonharão, ao contemplarem a luz do céu irrompendo uma vez mais. E isso tem acontecido!



*Não se conhece um homem por sua animação,
mas pela quantidade de sofrimento verdadeiro que
ele é capaz de suportar.*

C. T. Studd

DIRETRIZES PARA A BENEVOLÊNCIA NA IGREJA

Autor Desconhecido

1. O PRINCIPAL OBJETIVO DA IGREJA E SEU RELACIONAMENTO COM A BENEVOLÊNCIA.

De acordo com as Escrituras, o principal objetivo da igreja, como um corpo local, é glorificar o nosso Deus, no servi-Lo e adorá-Lo por intermédio de Jesus Cristo, nosso Senhor (Ef 3.21). Isto é realizado por meio de nossa adoração e orações, tanto coletivas como individuais (Fp 3.3; Jo 4.24; Sl 95.1-7); da proclamação da perfeita Lei de Deus e do glorioso evangelho (Ef 3.10; Mt 28.19-20; 2 Tm 4.2); do nosso crescimento na graça e no conhecimento de nosso Senhor (Ef 4.13-14; 2 Pe 3.18; Mt 5.16); de nosso batalhar diligentemente pela fé que de uma vez por todas foi entregue aos santos (1 Tm 3.15; Jd 3) e do servir uns aos outros (1 Pe 4.9-11; 1 Co 12.7; Rm 12.6-13).

Tendo estes objetivos bíblicos em mente, torna-se claro que o enfoque de nossas realizações, como igreja, possui natureza espiritual (Ef 6.10-

18). Ao cumprirmos este enfoque, nossa *principal* responsabilidade para com aqueles que estão fora da igreja não é satisfazer as necessidades físicas deles, e sim as espirituais. Não devemos gastar nossos esforços e energias tentando providenciar alimento para os que nos rodeiam, e sim procurar trazê-los à verdade de Deus, centralizada no evangelho de Jesus Cristo (Lc 24.46-47; Mt 28.19-20; At 1-28).

Esta é a bênção mais preciosa que podemos dar aos que nos rodeiam, visto que ela lhes outorga o único escape da ira eterna e o único caminho à segurança e glória eterna. “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16.26) Além disso, um relacionamento correto com o Senhor é o caminho mais eficaz para que alguém tenha satisfeitas as suas necessidades físicas cotidianas (Mt 6.33; Pv 10.4). Em resumo, não fazer das necessidades espirituais o *principal* interesse da igreja equivale a virar as costas para a grande necessidade daqueles que vivem ao nosso redor.

2. A CHAMADA BÍBLICA PARA AJUDAR OS NECESSITADOS.

Embora o nosso ministério tenha uma ênfase de natureza espiritual, as necessidades físicas surgem, e a igreja será chamada a satisfazer estas necessidades. A Bíblia contém muitas exortações direcionando o povo de Deus a assistir aos pobres e aos necessitados. O Senhor não somente nos ensina que devemos ter um interesse geral pelos pobres (Pv 29.7), mas também nos instrui que à semelhança do próprio Senhor Jesus, devemos ser generosos

para com aqueles que são estranhos e até inimigos (Lc 10.33-37; Mt 5.45; Pv 25.21). Bênção é prometida àqueles que são generosos para com os pobres (Pv 22.9; 19.17; 28.27), e maldição, àqueles que fecham seus olhos para os necessitados, deixando em dúvida sua verbalização de ser crente (Pv 28.27; 21.13; 1 Jo 3.17). Como resultado, enquanto temos de manter as necessidades espirituais como prioridade, não devemos negligenciar as necessidades físicas daqueles aos quais temos de ministrar.

3. PRINCÍPIOS A RESPEITO DE SATISFAZER AS NECESSIDADES FÍSICAS.

Diversos princípios têm de ser levados em conta quando ministrarmos às necessidades físicas, como igreja.

a) A responsabilidade da igreja em referência às coisas do mundo compete aos diáconos, para que os pastores dediquem-se à Palavra de Deus e à oração (At 6.2-4). Com isto em mente, os diáconos devem evitar que os pastores fiquem sobrecarregados com assuntos de benevolência. Portanto, a menos que a benevolência exija aconselhamento com profundidade espiritual, este assunto deve

ser tratado pelos diáconos.

b) Quando ministramos benevolência, temos de manter um espírito altruísta em todas as ocasiões, mesmo sob o risco de errar

— ■ —
*A igreja é apenas
 um mordomo
 daquilo que Deus
 colocou sob a
 responsabilidade dela.*
 — ■ —

ao sermos generosos em certas situações. Isto corresponde à maneira como o Senhor lida conosco (At 20.35; Mt 18.32-33).

c) É importante lembrar que os bens administrados pela igreja pertencem ao Senhor. A igreja é apenas um mordomo daquilo que Deus colocou sob a responsabilidade dela (Sl 24.1; Lc 16.1-2). Visto que os pastores delegam aos diáconos a responsabilidade de administrar os bens da igreja, os diáconos têm de ser cuidadosos e responsáveis em relação aos bens do Senhor. Temos de ser prudentes como as serpentes (Mt 10.16). Isto significa que não é prudente nem benéfico demonstrar benevolência para determinadas pessoas, em certas ocasiões. Por exemplo, 2 Tessalonicenses 3.10-11 ensina que, “se alguém não quer trabalhar, tam-

bém não coma. Pois... andam desordenadamente, não trabalhando”. Dar dinheiro a pessoas estranhas pode significar um ato sem amor, se elas utilizarem o dinheiro para comprar drogas ou bebida alcoólica. Outras pessoas podem estar sob a disciplina do Senhor, e a benevolência poderia arruinar o impacto da disciplina.

d) Temos de estabelecer prioridades referentes a quem deve receber nossa benevolência. As Escrituras ensinam claramente que, enquanto temos de fazer o bem a todos os homens, devemos outorgar atenção especial à “família da fé” (Gl 6.10). Alguns expositores bíblicos têm sugerido que muitas das referências aos pobres, nas Escrituras, incluindo as

de Provérbios, aludem aos pobres da comunidade da aliança. Isto não entra em conflito com os princípios apresentados no ponto 2 deste artigo, mas nos leva à conclusão de que os membros de nossa igreja devem receber prioridade de atenção no que diz respeito às necessidades materiais e, em segundo lugar, os verdadeiros crentes fora de nossa igreja. Finalmente, em todas as circunstâncias, temos de ser pacientes, bondosos, humildes, considerando os outros mais importantes do que nós mesmos (1 Co 13.3-5; Fp 2.3-4). Não podemos agir com frieza ou aspereza para com os necessitados, quer sejam da igreja, quer não; temos de fazer todas as coisas com amor (1 Co 16.14).

AS FERIDAS DE JESUS

C. H. Spurgeon

*Então, vi, no meio do trono... de pé,
um Cordeiro como tendo sido morto.*

Apocalipse 5.6

As feridas de Jesus são mais belas do que todo o esplendor da pompa de um rei terreno. A coroa de espinhos é mais do que um diadema real. O cetro de Cristo era apenas uma vara; contudo, havia no cetro dEle uma glória que nunca foi refletida por qualquer cetro de ouro. Jesus aparece como um Cordeiro que foi morto, que procurou nossas almas e as redimiu por meio de sua expiação completa. Suas feridas são o troféu de seu amor e a sua vitória. Ele repartiu os despojos com os poderosos. Jesus redimiu para Si uma grande multidão, que ninguém pode contar. Suas cicatrizes são o memorial da batalha. Se Cristo gosta muito de lembrar seus sofrimentos em favor de seu povo, *quão preciosas deveriam ser para nós as suas feridas!*

(Extraído do livro "Leituras Diárias" - Editora Fiel)

35 RAZÕES PARA NÃO PECAR

Jim Elliff

- 1 - Porque um pequeno pecado leva a mais pecados.
- 2 - Porque o meu pecado evoca a disciplina de Deus.
- 3 - Porque o tempo gasto no pecado é desperdiçado para sempre.
- 4 - Porque o meu pecado nunca agrada a Deus; pelo contrário, sempre O entristece.
- 5 - Porque o meu pecado coloca um fardo imenso sobre os meus líderes espirituais.
- 6 - Porque, no devido tempo, o meu pecado produz tristeza em meu coração.
- 7 - Porque estou fazendo o que não devo fazer.
- 8 - Porque o meu pecado sempre me torna menor do que eu poderia ser.
- 9 - Porque os outros, incluindo a minha família, sofrem conseqüências por causa do meu pecado.
- 10 - Porque o meu pecado entristece os santos.
- 11 - Porque o meu pecado causa regozijo nos inimigos de Deus.
- 12 - Porque o meu pecado me engana, fazendo-me acreditar que gabei, quando, na realidade, eu perdi.
- 13 - Porque o pecado pode impedir que eu me qualifique para a liderança espiritual.
- 14 - Porque os supostos benefícios de meu pecado nunca superam as conseqüências da desobediência.
- 15 - Porque o arrepender-me do meu pecado é um processo doloroso, mas eu tenho de arrepender-me.
- 16 - Porque o pecado é um prazer momentâneo em troca de uma perda eterna.
- 17 - Porque o meu pecado pode influenciar outros a pecar.
- 18 - Porque o meu pecado pode impedir que outros conheçam a Cristo.

- 19 - Porque o pecado menospreza a cruz, sobre a qual Cristo morreu com o objetivo específico de remover o meu pecado.
- 20 - Porque é impossível pecar e seguir o Espírito Santo, ao mesmo tempo.
- 21 - Porque Deus escolheu não ouvir as orações daqueles que cedem ao pecado.
- 22 - Porque o pecado rouba a minha reputação e destrói o meu testemunho.
- 23 - Porque outros, mais sinceros do que eu, são prejudicados por causa do meu pecado.
- 24 - Porque todos os habitantes do céu e do inferno testemunharão sobre a tolice deste pecado.
- 25 - Porque a culpa e o pecado podem afligir minha mente e causar danos ao meu corpo.
- 26 - Porque o pecado misturado com a adoração torna insípidas as coisas de Deus.
- 27 - Porque o sofrer por causa do pecado não tem alegria nem recompensa, ao passo que sofrer por causa da justiça tem ambas as coisas.
- 28 - Porque o meu pecado constitui adultério com o mundo.
- 29 - Porque, embora perdoado, eu contemplarei novamente o pecado no Tribunal do Juízo, onde a perda e o ganho das recompensas eternas serão aplicados.
- 30 - Porque eu nunca sei por antecipação quão severa poderá ser a disciplina para o meu pecado.
- 31 - Porque o meu pecado pode indicar que ainda estou na condição de uma pessoa perdida.
- 32 - Porque pecar significa não amar a Cristo.
- 33 - Porque minha indisposição em rejeitar este pecado lhe dá autoridade sobre mim, mais do que estou disposto a acreditar.
- 34 - Porque o pecado glorifica a Deus somente quando Ele o julga e o transforma em uma coisa útil; nunca porque o pecado é digno em si mesmo.
- 35 - Porque eu prometi a Deus que Ele seria o Senhor de minha vida.

Renuncie seus direitos

Rejeite o pecado

Renove sua mente

Confie em Deus